

AMBIENTE

Ecologia A adaptação de aves canoras nos meios urbanos exige-lhes uma estratégia de comunicação adequada ao ruído de fundo permanente, que passa pela emissão de sons em frequências mais altas. São dados de um estudo português

CANTOS MAIS AGUDOS FACILITAM VIDA DOS PÁSSAROS NAS CIDADES

FILOMENA NAVES

Se os cantos dos pássaros, as cidades seriam mais cinzentas e monocórdicas, com o seu ruído de fundo permanente. Mas, para lá do colorido que dão às urbes, os cantos dos pássaros também contêm mensagens sobre a biologia e a ecologia destas espécies que os cientistas podem decifrar. É isso que faz o biólogo Gonçalo Cardoso, do CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, da Universidade do Porto, que descobriu que as espécies de aves canoras das cidades produzem cantos mais agudos do que as suas congêneres de zonas rurais ou florestais, onde o ambiente sonoro é mais tranquilo.

“Trata-se de uma estratégia de comunicação”, explica o investigador, sublinhando que “os sons agudos, conseguem sobrepor-se melhor ao ruído urbano, que é constituído sobretudo por frequências mais baixas”.

Num artigo publicado esta semana na revista *Global Change Biology*, o biólogo divulga os resultados da sua investigação, confirmando que esta estratégia dos cantos mais agudos dos pássaros “urbanizados”, em relação aos parentes campestres, é uma adaptação à vida no ambiente ruidoso das urbes. Mas essa não é a única novidade do estudo. A análise desta característica das espécies citadinas e a sua comparação com outros parâmetros da biologia destes animais permitiu também concluir que este fator é o segundo mais importante na adaptação das aves canoras à ecologia urbana.

Com efeito, o mais importante, e certamente o mais óbvio, tem que ver com a possibilidade de estas espécies se adaptarem à necessidade de fazer ninhos noutros locais, que não ao nível do solo. Nas cidades não abundam os esconderijos que os pássaros podem facilmente encontrar na vegetação rasteira existente no campo e, se não tivessem alterado a estratégia de nidificação, veríamos hoje menos pássaros nas cidades.

Para fazer este estudo, “que até foi bastante rápido”, como sublinha o próprio investigador, Gonçalo Cardoso não teve de percorrer ruas e jardins urbanos, nem campos agrícolas, de microfone em punho, para fazer gravações. Em vez disso, recorreu às bases de dados internacionais com cantos de pássaros. Foi graças a isso que pôde passar em revista, em relativamente pouco tempo, as “vocalizações”

de 140 espécies europeias e da América do Norte, residentes em meios urbanos e em ambientes campestres. Entre elas, pássaros que nos são familiares, como melros, andorinhas, pintassilgos ou estorninhos, ou ainda outras talvez menos vulgares, como verdilhões, tordos ou carriças. Todos estes estão entre os 140 que tanto podem ser avistados em cidades como no campo, e cujos cantos foram estudados e avaliados comparativamente pelo biólogo do CIBIO.

“O estudo mostra que o ruído urbano é um dos fatores de seleção das espécies

que se instalam nas cidades, mas a comparação filogenética (considerando as relações de parentesco) não evidencia famílias de aves especialmente incapazes de se adaptarem ao meio urbano”, nota Gonçalo Cardoso. Isso aponta “para que outros fatores não relacionados com a biologia terão aqui também um papel”.

O conjunto destes dados, incluindo a evidência de que a tolerância às urbes é maior nas espécies europeias do que nas suas parentes americanas, talvez porque há mais cidades, e há mais tempo na Europa e o tempo de adaptação é por isso mais longo, tem também implicações para a conservação das espécies.

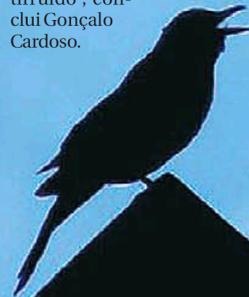
“Com o rápido crescimento urbano em todo o mundo, será útil perceber que espécies são mais vulneráveis, para adaptarmos as nossas estratégias de conservação, com outros tipos de construção ou mais medidas anti-ruído”, conclui Gonçalo Cardoso.

OBSERVAÇÃO DE AVES

Festival este fim de semana em Sagres

► A zona de Sagres é um dos palcos privilegiados para a observação de aves migratórias. Integrada no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, constitui um dos pontos mais importantes do Algarve e do País para a avifauna. Por isso foi a escolhida para a realização, este fim de semana, do IV Festival de Observação de Aves, no Algarve. “O objetivo é complementar a observação de aves com outras atividades ligadas à contemplação da natureza, que satisfaçam toda a família”, informou a Câmara de Vila do Bispo, entidade promotora do evento, em parceria com a Associação Vicentina, a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves e a associação ambientalista Almargem. Até ao fim do dia de hoje, ainda há tempo para ir até lá.

Diminuir o ruído urbano será benéfico para todas as espécies, incluindo os humanos



CIÊNCIA

Sem crivo



Revista denuncia fraudes

Falso artigo científico publicado sem contestação

TESTE Correspondente da *Science* expôs um grupo de publicações de acesso livre, nas quais os escrupulos não são norma da casa

No competitivo e exigente universo da ciência, publicar os resultados da investigação realizada é um dos crivos que decidem do futuro de uma carreira. Algo que se traduz na frase “publish or perish” (“publicar ou morrer”, em tradução literal), famosa na comunidade científica de língua inglesa. Mas também aqui há condutas menos claras e revistas e jornais menos exigentes, o que dá espaço às fraudes. Foi, justamente, para expor as fragilidades neste meio que o correspondente da *Science* John Bohannon, com o conhecimento e o beneplácito da própria revista, enviou para um universo de 304 publicações de acesso livre um artigo sobre uma suposta descoberta de um novo composto para combater o cancro. A descoberta era falsa e o artigo estava semeado de erros de metodologia e de resultados, mas mesmo assim o “artigo” de John Bohannon foi prontamente aceite em 157 das publicações, contra 98 que o rejeitaram.

Apenas 36, do conjunto global, pediram esclarecimentos sobre a matéria de facto ao autor, mas 16 acabaram, posteriormente, por publicar o artigo, apesar das referências negativas dos respetivos painéis de especialistas.

Para John Bohannon, que relata na última edição da *Science* os resultados da sua experiência, o que está em causa é a existência até aqui encoberta de um “oeste selvagem” na geografia das publicações científicas de acesso livre, onde apenas um grupo delas brilha pelos padrões de qualidade.

JANE ADAMS